

VIVER DE MÚSICA EM SALVADOR

Músicos profissionais na capital do Brasil Afro!

RESENHA DA OBRA:

PACKMAN, Jeff. Living from Music in Salvador - Professional musicians and the capital of Afro-Brazil! Middletown: Wesleyan University Press, 2021.

Katharina Döring¹

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

<https://orcid.org/0000-0002-0517-9850>

katharina.doring@gmail.com

Submetido em 17/06/2024

Aprovado em 06/09/2024

Este livro necessário e bem elaborado do etnomusicólogo Jeff Packman – infelizmente não disponível em português – se debruça sobre o trabalho diário de músicos e musicistas, na sua maioria negros/as em Salvador da Bahia. Com base num trabalho de campo longitudinal que se estendeu por mais de uma década, o livro explora a vida profissional dos/as músicos/as locais, que se encontram numa situação de trabalho instável e flexível, em relação a sua produção musical profissional. Entre bares, clubes e restaurantes, desfiles e trios de Carnaval, festivais, palcos de concertos e estúdios de gravação, a capacidade dos/as músicos/as ganharem um salário digno depende da sua navegação nas cenas musicais e das suas condições sociais que são profundamente atravessadas pelas mazelas históricas da colonialidade e escravatura.

Dr. Jeff Packman é professor associado de etnomusicologia, especializado em música brasileira, música popular das Américas e teoria cultural. Suas atuações acadêmicas incluem música e cultura techno, culturas musicais da América Latina/Caraíbas e performance afro-diaspórica. Como ex-baterista, boa parte de suas temáticas de pesquisa enfatizam questões de raça, classe social e política cultural em relação à produção musical profissional. Essa pesquisa longitudinal serviu de base para vários artigos nas revistas *Latin American Music Review*, *Black Music Research Journal*, *Ethnomusicology* e *Ethnomusicology Forum*, e a publicação posterior do livro aqui resenhado (2021). Na Universidade de Toronto, Packman leciona várias em etnomusicologia, teoria e métodos de investigação, tanto no programa de História e Cultura da Faculdade de Música, como no Programa de Pós-Graduação em Performance.

1 Graduação em Educação Musical (2000) e mestrado em Etnomusicologia (2002) pela Universidade Federal da Bahia; doutorado em Educação (2011) com ênfase em Arte-Educação pela Universidade Siegen - programa INEDD. Desde 2002 professora assistente da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) para as disciplinas Arte-Educação, Iniciação Musical, Processos de Criação, Artes Visuais na Contemporaneidade, Referências teóricas e metodológicas do Ensino de Artes e Ludicidade. Pesquisadora do Samba de Roda do Reconcavo Baiano, trabalha na interface de Etnomusicologia, Educação Musical e Artes, com ênfase na transdisciplinaridade em músicas, artes e culturas populares, tradição - contemporaneidade no samba de roda/samba chula, tradições cênico-poético-musicais de matriz africana, danças circulares.

O livro **Viver de música em Salvador**, está dividido em cinco capítulos principais e uma **Introdução**, que funciona praticamente como um artigo por si só, por enquadrar a sua pesquisa mediante uma abrangente fundamentação teórica e epistemologia multidisciplinar. Packman traz em seguida uma bem posicionada crítica socio-racial, historicamente embasada na especificidade do racismo brasileiro e baiano, disfarçado numa noção coletiva propagada pela ‘baianidade’, que atravessa a vida dos/as demais músicos/as negros/as da cidade de Salvador, a qual, por outro lado, é retratada como a cidade mais ‘africana’ do Brasil. Um dilema vivido por quase todos/as músicos/as negros/as ressurgiu ao longo do livro: de que supostamente, músicos/as populares em geral, dos/as quais muitos/as percussionistas negros e negras – vindo do candomblé, da capoeira, do samba, dos afoxés, ou seja, suas culturas identitárias – não estariam trabalhando/tocando, somente ‘brincando’ e ‘se divertindo’: “Em poucas palavras, Ed respondeu a dois mitos predominantes e emaranhados que estão em questão neste livro: 1) que os baianos não trabalham, e 2) que ‘tocar’ música não é trabalhar de verdade.” (PACKMAN, 2021, p. 4). O autor narra seu encontro com a Bahia e a cidade de Salvador a partir de uma vivência subjetiva, retratando a cultura urbana baiana e seu estilo *laissez-faire*, que certamente cativa os/as demais estrangeiros/as, tornando-se um caso de amor à primeira vista. A narrativa inicial descreve os demais estereótipos possíveis que marcam a cultura afro-baiana, no entanto, Jeff rapidamente revela o avesso dessa suposta ‘Alegria da Cidade’, percebendo e minuciosamente observando suas sombras, que se abatem diariamente sobre a população negra e marginalizada em praticamente todas as esferas da vida, inclusive no gigante e vital universo musical:

Talvez o mais importante seja o fato de as condições de trabalho precárias, tanto antigas como recentes, contribuírem para disparidades gritantes na qualidade de vida dos residentes de Salvador. (...) Estes legados dúbios, que se manifestam de forma muito visível em articulações de “raça” e “classe”, estão profundamente enredados com as sensibilidades musicais locais de formas que informam e são informadas pelas práticas dos músicos trabalhadores. (p. 9)

Nos subtítulos da Introdução, enxergamos os fios condutores (a seguir em itálico) que se sustentam ao longo da pesquisa de campo, seguida das indagações, revisões bibliográficas e conclusões: *O trabalho oculto dos músicos e os trabalhadores ocultos da música*, o qual aponta para a condição de subemprego dos músicos negros invisibilizados nos cenários musicais, enquanto indivíduos; *uma confluência de concepções, imaginários e questões* que trata entre outros do conceito de baianidade e sua relação com o trabalho; *Raça, classe e música na Bahia*, bordão autoexplicativo, triangulando de forma interseccional as condições de raça, classe e âmbito musical profissional, esmiuçando as complicadas (auto-)definições raciais entre preto, branco, pardo, mestiço e suas implicações para a realidade socioeconômica; e ainda *Situando uma análise do trabalho musical; matrizes do capital, redes de trabalhadores*:

Os limites do capital acumulado foram evidentes para numerosos baianos que me disseram que, independentemente do dinheiro, das conexões e realizações, a vida em Salvador é apenas mais fácil se tiver uma pele mais clara (cabelo mais liso, olhos de cor clara,

nariz mais estreito ou lábios mais finos). Com base na afirmação de Goldberg (2002, p. 206) de que no Brasil “a raça não se reduz à classe, mas é rearticulada através dela”, uma preocupação central do livro é explorar como as noções e materialidades de raça e classe são (re-)articuladas através de práticas musicais em contextos comerciais, com que efeitos e para quem, mesmo quando a raça é negada em afirmações de democracia racial, ocultadas através de discursos de mestiçagem e baianidade. (p. 22)

Depois de situar a metodologia de pesquisa, seu recorte, seus/suas interlocutores/as e as redes visíveis e invisíveis dessas cenas e oportunidades de trabalhos musicais, o autor mostra preocupação em compreender todas as nuances desse fazer musical que perpassam pelas muitas camadas da vida musical profissional em Salvador, sempre norteado pela labuta de cada dia, não obstante revela um profundo compromisso com a música em si e uma necessidade intrínseca em produzir música que tenha sentido e prazer: “Assim, uma consideração final e abrangente para o livro, é como e em que medida os músicos que conheci, mantêm os investimentos emocionais, sociais e criativos na produção musical, ao mesmo tempo que se esforçam por convertê-la numa fonte de rendimento.” (p. 37)

No **Capítulo Um**, que se denomina *Sons e Circuitos do Trabalho Musical nas Cenas de Salvador*, Packman narra sua vivência ao longo de muitos anos de idas e vindas, mediante um retrato detalhado e condizente, sobre *uma cidade de contrastes e locus para os circuitos*, baseado em pesquisas históricas e socioantropológicas, aprofundando as estratificações socioeconômicas, raciais e territoriais de Salvador, ou seja, as variações do racismo ambiental e estrutural das micro- e macro-violências, sofridas pela população negra. Assim, aponta para as complexas dificuldades em *fazer música numa cidade dividida*, o que lembra o tema da *Baianasystem* em “Duas Cidades” (2016), expressando o que é vivido pelos/as músicos/as e artistas dessa cidade. Antes do parágrafo *Carnaval: sua música, seu circuito, seus significados*, Packman prioriza um olhar aprofundado sobre *O circuito não sazonal*, o que configura como uma joia especial desse livro, porque muitos e muitas visitantes e pesquisadores/as concentram suas visitas para o período prolongado de circuitos festivos pré-carnavalescos e a culminância musical do Carnaval como produção musical exclusiva dessa cidade. O autor destaca o ciclo junino e suas oportunidades para grandes palcos, bandas e fluxo de cachês, porém, aponta para a necessidade de iluminar o fazer musical profissional no ‘resto’ do ano, entre gêneros musicais e territórios diversificados, além do suposto brilho dos palcos sazonais.

No **Capítulo Dois**, os fios condutores são os *Nexos do Trabalho Musical* e uma *Visão Geral desses Nexos* que revela a capilaridade emaranhada das cenas e comunidades musicais de Salvador, assim como sua operacionalidade, territorialidade e valor simbólico, exigindo e revelando um alto nível de prontidão e organização fluida, que pode ser exemplificado com um pequeno extrato das atividades profissionais durante um ‘típico’ mês de junho em Salvador, segundo seu interlocutor, o músico e compositor Jorge Farofa:

Em cerca de um mês e meio, apresentou-se em várias festas públicas como músico acompanhante de um conjunto de forró com seis integrantes, além de comandar dois ou três trios de forró diferentes em shoppings e festas particulares. No mesmo período, foi

contratado para reger uma série de “oratórios” para Santo Antônio em uma igreja da Cidade Baixa, e deu aulas de percussão para um coral de crianças com tema de São João, financiado pela prefeitura, na ilha de Itaparica. (p. 79)

Packman apresenta vários nexos em gráficos, p. ex. composição de grupos e bandas, e suas hierarquias internas e externas e ainda um painel de vários gêneros musicais bastante performados e como os músicos instrumentistas se encontram geralmente numa constante rede de trocas de oportunidades de trabalho, que podem ser regulares ou mesmo ocasionais (‘matar um cachê’). Essa treinada flexibilidade em termos de estilos musicais, repertórios, territórios, gêneros, companheiros/as de trabalho e ambientes, contribui para alguns com um certo nível de estabilidade que se adquire em ‘trampar’ nesses vários circuitos de forma criativa e disponível, porém, com dignidade e reputação a zelar.

O **Capítulo Três** se preocupa com as *Afiliações tácticas e atuações dos ‘Selves’ dos músicos*, sendo que esse *Self* do músico profissional se refere a sua autoimagem em negociação com a imagem vista de fora, no *métier* profissional, ao mesmo tempo que fala da necessidade de os/as músicos/as encontrarem sua identidade musical enquanto compositores, criadores e também interpretes e instrumentistas. A elaboração da sua imagem/autoimagem está em permanente diálogo com a realidade profissional que requer sacrifícios e aponta para grandes desigualdades.

Gregg (2011) observa com razão que, embora a invasão do tempo de trabalho no tempo de lazer seja cada vez mais a norma em todos os setores de trabalho e possibilitada pelo fato de que grande parte do trabalho realizado é semelhante a passatempos recreativos (por exemplo, usar as mídias sociais), as recompensas de carreira, como a remuneração pelo trabalho extra, são distribuídas de forma desigual. Em vez de tornar o trabalho mais divertido e rentável para todos, argumenta, a normalização do trabalho durante as horas de folga reforça as hierarquias existentes e, muitas vezes, as hierarquias de gênero, permite a vigilância dos trabalhadores e abre caminho à exploração de trabalhadores cada vez mais precários. No entanto, eu diria que, para os trabalhadores de escritório e da economia do conhecimento que são o foco de Gregg, esse trabalho ininterrupto ainda é geralmente visto como produtivo, como parte do seu trabalho, embora seja facilmente apropriado pelos seus empregadores para fins nefastos. Em contraste, músicos, baianos e baianas tiveram e continuam a ter negado o reconhecimento pelo trabalho quase contínuo, por mais prazeroso que seja, que devem fazer. (p. 121-122)

Nos parágrafos *Percursos profissionais e padrões de afiliação e evasão* e *Desafios do percurso e tácticas de navegação conexas*, Packman aprofunda os discursos dos/as músicos/as entre si, e/ou com não-músicos/participantes ativos das cenas musicais, no sentido do que seria ‘boa’ ou ‘não tão boa’ música, e até que ponto os músicos buscam equilibrar seus compromissos profissionais, não somente no sentido de valorização material, mas de prezar pela sua imagem, carreira e valor nos nexos e redes profissionais, como no caso de seu interlocutor, Jorge Farofa, que “apesar da sua clara, contextualmente informada, abertura a múltiplos gêneros, acabou por encontrar o seu limite quando recebeu, e recusou, uma oferta de um produtor para gravar um CD

de arrocha.” (p. 126). Dessa forma, Jeff observa e analisa minuciosamente as múltiplas e criativas estratégicas dos protagonistas nas diversas cenas musicais para manter seus nexos com as diversas oportunidades e gêneros de trabalho musical, que podem ser de longa duração, curta e media duração e até mesmo um *gig* espontâneo de última hora, e de muitíssimos estilos e gêneros diferentes! Na parte *Capitel, Redes e Trabalho em Rede*, o autor reitera os complexos caminhos para se criar uma carreira sólida nesse meio campo de uma vida musical profissional, evidenciando novamente, quanto trabalho, dinheiro, tempo e disposição os/as músicos/as precisam investir para conseguir novos trabalhos e oportunidades, ou seja, ou famoso ‘trabalhar para ter trabalho’ que atravessa todo livro, e que correlaciona classe, raça e gênero em múltiplas situações, apontando posições e capitais iniciais desiguais.

O **Capítulo Quatro** trata da performance em si, da preparação e das atividades nos bastidores para que o show, concerto e/ou a performance possa acontecer com todas as variáveis envolvidas, desde os ensaios, passagem de som, arranjo de repertórios e relações interpessoais, que novamente passam pelas óbvias e/ou subjacentes questões raciais, socioeconômicas, de gênero e o lugar de referência/autoridade reconhecida nos cenários musicais. No parágrafo *familiaridade, memória coletiva e (re-)composição processual*, o autor destaca a interessante combinação entre o que pode ser chamado de rotina em tocar repetidamente os mesmos repertórios desejados pelo público e pela circunstância sazonal (Carnaval / São João), que acaba trazendo uma certa frustração e monotonia para muitos músicos. Porém, ressalta outros aspectos dessas repetições que são realmente comuns em vários cenários musicais na Bahia:

Embora alguns músicos com quem falei, vissem isto como uma limitação à qualidade e ao interesse de algumas atuações, também reconheciam que a familiaridade tornava possível a multiplicidade de nexos, facilitando assim a realização, dos seus objetivos econômicos. Uma afinidade genuína por pelo menos algumas das músicas que tocavam, aliada a sensibilidades musicais que reconhecem a criatividade na repetição com uma diferença, ou seja, significando, tornava muitas vezes agradável trabalhar dentro dos parâmetros da estética da participação. (p. 171)

O **Capítulo Cinco** que trata da *Encenação e sonorização de espetáculos ao vivo* de certa forma, aqui não precisa ser aprofundada, porque são as histórias de toda vida de músicos/as e outros profissionais de música, que conhecemos de ‘muitos carnavais’. Aqui o autor apresenta na pesquisa de campo observacional, o concreto e materializado desse ofício musical, em todos os detalhes, riscos, repertórios bem ou mal ensaiados e sobretudo, a impressionante capacidade de improvisar, tanto no sentido estritamente musical, como situacional, em lidar com as situações mais adversas e inesperadas. Mostra em detalhe, quantas atividades e quanto tempo e organização fazem parte no pré-, no durante e no pós-operacional de um show musical, que são atividades laborais, geralmente não reconhecidas e pagas e mitificadas como tempo de ‘socialização’ (lido como suposto ‘divertimento’). Aqui, o autor mostra seu lado mais musical e musicológico, no sentido de apresentar partituras e análises de algumas músicas populares, sendo arranjado e tocado de forma flexível e criativo pelos protagonistas, nas mais diversas ocasiões de tocar e performar, como qualidade indispensável na cena musical.

Finalizando com *Vivendo de música, Música para toda uma vida e novas carreiras musicais*, Packman faz uma retrospectiva sobre a pesquisa que se desenrolou por muitos anos e traz um panorama sobre a vida atual dos seus músicos colaboradores. Percebe-se que estes têm pontos em comum com a labuta difícil que músicos enfrentam por toda parte do mundo, p. ex. a vida de trabalhos *patchwork* (colcha de retalhos), feito de muitas atividades diferentes para complementar a renda e ainda, os novos desafios do trabalho digital, das presenças e construção de carreira nas redes sociais, entre muitos outros, sobretudo visto a pandemia, pós-pandemia e as políticas atuais precárias e seletivas no setor cultural.

O presente livro é imprescindível para a cena musical profissional em Salvador (e todo Brasil), a qual certamente tem feito esforços enormes, para produzir uma impressionante diversidade musical com qualidade e identidade, na sombra de uma indústria cultural monotemática e controlada pelo grande capital e pelas grandes mídias. O período pesquisado e vivenciado por Jeff Packman, poderia ser considerado um período entressafas, no que diz respeito aos debates acadêmicos em torno de musicalidades negras e músicos/as negros/as e suas realidades sociais e criações musicais. Ao mesmo tempo, observava-se o crescimento das cenas e mercados musicais devido a explosão do turismo cultural e musical de carnaval, de festas de verão, de eventos de capoeira internacionais entre outros, que deixou os músicos muito ocupados durante um período mais ou menos situado entre 2000 a 2015. Neste período podemos situar também o trabalho de pesquisa de Christopher Dunn (2008), que resultou em algumas publicações¹ para o debate das músicas populares, movimentos socioculturais e relações étnico-raciais no Brasil.

Anterior a este período, vivemos o início de uma forte mobilização na militância negra e parcialmente na academia que estudava as culturas e músicas negras enquanto resistências, como foi o caso do grupo de pesquisa: S.A.M.BA. – Socio-Antropologia da Música na Bahia², que surgiu como projeto interdisciplinar entre história, antropologia, sociologia, comunicação e etnomusicologia. Esse movimento³, bastante atuante entre 1995 – 1999, culminou no livro *Ritmos em Trânsito* (SANSONE; SANTOS, 1998), trazendo a pesquisa e perspectiva de vários/as pesquisadores/as (a maioria negros/as) baianos/as, sobre muitos gêneros musicais da diáspora africana, praticados e adaptados ao estilo musical e corporal afro-baiano. Nos anos noventa, as pesquisas operaram na sua maioria mediante os Estudos Culturais, sendo ampliadas ao longo de muitos anos pela visão dos Estudos da Decolonialidade; Relações Étnico-raciais; História social da cultura; Filosofias Africanas e suas implicações para os fundamentos estéticos e sociológicas das identidades afro-diaspóricas, porém, com pouca contribuição da pós-graduação em música.

Com o declínio da *Axé Music* e um certo vazio na cena musical baiana, aliado a grandes transformações em geral, p. ex. uma intensificação do combate ao racismo, ações afirmativas, políticas públicas nas culturas identitárias, e ainda a crescente digitalização das mídias e do consumo musical, aos poucos vieram surgindo novos caminhos criativos musicais na cena musical

¹ DUNN, Christopher. A Roma Negra e o Big Easy: Raça, Cultura e Discurso em Salvador e Nova Orleans. Afro-Ásia, vol. 37, p. 119-151, 2008.

_____. e PERRONE, Charles. Brazilian Popular Music and Globalization. University Press of Florida, 2001.

² <http://ospiti.peacelink.it/zumbi/afro/samba.html>

³ O projeto fez parte e foi financiado pelo projeto guarda-chuva “A Cor da Bahia” da FFCH-UFBA

afro-baiana, das quais Letieres Leite com a *Orquestra Rumpilezz* e a *Baiana System*, podem ser considerados como representantes mais destacados nas mídias (AZEVEDO, 2023), abrindo para novas experimentações musicais das mais diversas referências musicais afro-diaspóricas!

Paralelamente, o campo de pesquisas acadêmicas mais voltadas para as músicas negras baianas, brasileiras e afro-diaspóricas em geral, vem mudando significativamente com o ingresso crescente de estudantes negros/as em música, muitos seguindo no mestrado e doutorado, o que tem trazido um cenário inovador de temáticas, sobretudo de visões de dentro, a partir das próprias histórias e vivências nas cenas musicais. Certamente Packman poderia dialogar com as recentes teses de doutorado em etnomusicologia e publicações, tais como de SANTOS (2020) e DIAZ (2021) e ainda este ano, a tese de doutorado de PEREIRA (2024): **Sons da Pretitude: um estudo sobre as artes musicais negras de Salvador**, entre vários outros, que apontam para um campo de pesquisa no Brasil, em torno de uma etnomusicologia negra, como vem sendo reivindicado pelo presidente da ABET, Pedro Acosta, na sua tese de doutorado (2020). Um trabalho fundamental para o universo ‘Música e Trabalho’, tem sido a tese de doutorado **A música como arte de viver em Salvador**, do etnomusicólogo Rodrigo Heringer (2020), estabelecendo uma ponte direta com as publicações de Packman, num diálogo constante com o colega.

Além das novas tendências na etnomusicologia, temos um movimento no campo da Educação Musical, que de forma explícita, não se constitui como tópico na pesquisa de Packman, mas que acaba sendo mencionado implicitamente como uma das estratégias de sobrevivência dos/as músicos/as acompanhados/as: ‘dando aula’. Um trabalho musical que cresce vertiginosamente para muitos/as músicos/as negros/as, na medida que se formam nos cursos de licenciatura em música, enquanto outros/as mestres/as e músicos/as das antigas criaram suas próprias escolas musicais e projetos socioculturais nos seus bairros e territórios.

Nesse sentido, o LAB Koringoma (UNEB) organizou um livro-coletânea **Artes musicais africanas na Diáspora: corpos, vozes, ritmos e sonoridades em movimento** (DORING, CONRADO, 2023), com inúmeros artigos de pesquisadores musicais que praticam e pesquisam sobre uma educação musical por professores negros, para crianças e jovens negros/as e com temáticas musicais negras em vários ambientes pedagógicos. Quero destacar também, o movimento político e acadêmico do coletivo Mwanamuziki, liderado pela etnomusicóloga negra Eurides de Souza Santos, a qual, junto com os pesquisadores e músicos Luan Sodré e Marcos Santos, organizou o livro **Música e Pensamento afro-diaspórico** (2022), abrindo uma grande roda de debate com os/as pesquisadores/as negras/os em música no Brasil. Um livro importante a ser publicado na Bahia em português (publicado em inglês), no mesmo ano do livro de Packman, porém, com uma pesquisa de campo mais recente, é da autoria de Juan Diaz (2021): **Africanidade em Ação. Essencialismo e Imaginação Musical da África no Brasil**, que pode ser considerado igualmente um marco para as cenas criativa-musical e acadêmica-musical baianas. Juan Diaz viveu num período em Salvador, quando a pesquisa de Packman finalizou, e trabalhou diretamente nessa cena musical inovadora no meio das culturas negras fortalecidas, que retomam as musicalidades ancestrais e identitárias de forma consciente, criando novas abordagens e estilos musicais.

Com estas publicações recentes no Brasil e os livros de Jeff Packman e Juan Diaz, futuramente traduzidos e publicados no Brasil, vislumbro a possibilidade de gerar um campo de estudos e debates, voltado para as músicas negras das Áfricas e Américas que efetivamente aprofunda as relações entre Música, Trabalho, Racialidade, Interseccionalidade, Memória e sobretudo Criação e Transmissão musical afro-diaspórica na continuidade e concepção aberta entre ancestralidade e contemporaneidade.

Referências

- ACOSTA, Pedro. **Sopapo poético e etnomusicologia negra: agência, performance, musicalidade e protagonismo negro em Porto Alegre**. Tese de Doutorado em Etnomusicologia. Porto Alegre: UFRGS, 2020.
- AZEVEDO, Yuri Teles Mendes de. **Rumpilezz e Pradarrum: o protagonismo da percussão afro-baiana como memória histórica e ancestral (2016-2022)**. Dissertação de mestrado em História - Estudos Africanos, Povos indígenas e Culturas Negras. Salvador: PPGAEAFIN-UNEB, 2023.
- COSTA, Rodrigo Heringer. **A música como arte de viver em Salvador**. Tese de doutorado em Etnomusicologia. Salvador: PPGMUS-UFBA, 2020.
- DIAZ, Juan Diego. **Africanness in Action. Essentialism and Musical Imaginations of Africa in Brazil**. New York: Oxford University Press, 2021.
- DORING, Katharina; CONRADO Margarete. (orgs.) **Artes musicais africanas na Diáspora: corpos, vozes, ritmos e sonoridades em movimento**. São Paulo: Editora Dialética, 2023.
- DUNN, Christopher. A Roma negra e o big easy: raça, cultura e discurso em Salvador e Nova Orleans. **Afro-Ásia**, 37, 119-151, 2008.
- _____. e PERRONE, Charles. **Brazilian Popular Music and Globalization**. University Press of Florida, 2001.
- PACKMAN, Jeff. **Living from Music in Salvador - Professional musicians and the capital of Afro-Brazil!** Middletown: Wesleyan University Press, 2021.
- PEREIRA, Marcio André. **Sons da Pretitude: um estudo sobre as artes musicais negras de Salvador**. Tese de doutorado em Etnomusicologia. Salvador: PPGMUS-UFBA, 2024.
- SANSONE, Livio; SANTOS, Jocélio Teles dos. **Ritmos em trânsito, Sócio-anthropologia da Música na Bahia**. Salvador: Dynamis, 1998.
- SANTOS, Eurides; SANTOS, Marcos; SODRE, Luan. **Música e Pensamento afrodiaspórico**. Coletivo Mwanamuziki. Salvador: Editora Diálogos Insubmissos, 2022.
- SANTOS, Marcos dos Santos. **Perspectivas etnomusicológicas sobre Batuque: racialização sonora e ressignificações em diáspora**. Tese de doutorado em Etnomusicologia. Salvador: PPGMUS-UFBA, 2021.